

As influências do gênero na arquitetura das práticas corporais - Ciep 284 estudo de caso

The influences of genre in the architecture of bodily practices- ciep 284 case study

Silvio Henrique Vilela¹
Danielle Cristina Garcia Lourenço²
Fernanda Ferreira Souza²

Artigo
Original

Original
Paper

Palavras-chave:

Gênero
Sexo
Educação física escolar

Resumo

Baseado em estudo etnográfico realizado em 2009, nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) no Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Brizolão Municipalizado 284 Nelly de Toledo Rocha, na cidade de Barra do Piraí, este artigo trata de observar as relações socioculturais de gênero entre alunos e alunas do 6º ao 9º ano nas aulas de Educação Física. Para coleta de dados utilizamos o diário de campo e entrevistas semi-estruturadas com alunos e educadores, onde cruzamos os dados obtidos para validação da pesquisa. A partir dos dados coletados constatamos que a divisão de sexo para as aulas de educação física não constituem problema algum, e que são muito bem aceitas em função da proposta para as aulas de educação física.

Abstract

Based on ethnographic study conducted in 2009, in Physical Education classes in the Elementary School (6th to 9th year) in Municipal Center for Integrated Public Education (CIEP) Brizolão 284 Nelly de Toledo Rocha, in Barra do Piraí city, this article refers to observe the cultural relations of genre between students and students from the 6th to the 9th year in Physical Education classes. For data collection using the field diary and semi-structured interviews with students and teachers, where we cross the data obtained for the validation of the research. From the collected data we can see that the division of sex for physical education classes do not constitute any problem, and that are very well accepted in the light of the proposal for Physical Education classes.

Key words:

Genre
Sex
Physical education at school

¹ Professor graduado em Licenciatura Plena em Educação Física; Mestre em História Social (USS) e Coordenador do Curso de Educação Física - Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA.

² Graduada em Educação Física - Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA.

1. Introdução

O presente estudo observou as relações socioculturais de gênero entre discentes nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Neste estudo de caso, utilizamos como metodologia a pesquisa de cunho etnográfico, o diário de campo para registros sistemáticos das observações nas aulas práticas de Educação Física, a entrevista semi estruturada e o questionário aberto, onde cruzamos os dados para a validação da pesquisa.

A observação foi realizada uma vez por semana, as quarta- feiras, no turno matutino acompanhando as aulas de Educação Física do 6º ao 9º ano, no período de maio de 2009 a abril de 2010.

Nas escolas da região sul fluminense, as aulas de Educação Física do 6º ao 9º ano do ensino fundamental são, em sua maioria, mistas. Porém o conteúdo praticado (iniciação desportiva) não favorece esta composição e a partir do 7º ano percebemos um desinteresse muito grande de alunos e alunas pelas aulas que antes eram tão esperadas e comemoradas. A diferença dos gêneros dificulta o cotidiano das aulas ou propicia a aprendizagem, a participação e a progressão de alunos e alunas nas atividades da cultura corporal do movimento?

Observamos as relações de gênero entre discentes nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) no Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Brizolão Municipalizado 284 Nelly de Toledo Rocha, localizado no bairro Califórnia na cidade de Barra do Piraí- RJ. Constam nessa escola 840 crianças matriculadas, com um total de 71 funcionários, entre eles 44 professores, 01 orientador pedagógico, 04 coordenadores de curso, sendo 02 para 1º turno e 02 para 2º turno, sendo que a tarde é 01 para 1º segmento e 01 para 2º segmento, 08 faxineiras, 04 vigias, 03 funcionárias de serviços gerais, 02 secretárias, 02 auxiliar de secretária e 03 extra- classe. Sendo que alguns funcionários exercem mais de uma função.

O Colégio possui um amplo pátio, uma quadra coberta e um campo de futebol, as aulas de Educação Física do 6º ao 9º ano são realizadas por divisão de sexos e os horários das aulas de Educação Física acontecem em

horários opostos dos demais componentes curriculares.

Este trabalho teve como objetivo geral buscar a influência do gênero nas praticas corporais na região sul fluminense. E como objetivos específicos identificar as vantagens e desvantagens das aulas de Educação Física divididas por sexo; observar a construção dos gêneros nesta dinâmica; distinguir os papéis e a construção destes durante as aulas de Educação Física e identificar a percepção dos professores do CIEP 284 sobre os diferentes papéis e atribuições dos gêneros, mapeando as vantagens e desvantagens das aulas na visão de alunos e alunas.

O quadro teórico para construção deste trabalho consta dos autores Tânia Mara Cruz e Marília Pinto de Carvalho; Bianca Haertel e Luiz Gonçalves Junior, Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental e Marly Eliza D. A. de André.

2. Pesquisa etnográfica na educação

Do surgimento da escola até nossos dias muitas foram as transformações pelas quais este local passou. Inicialmente criada como uma instituição social para educar e ensinar, por Haydt (2004), hoje a escola exerce um papel muito mais diversificado na sociedade. A filosofia para a qual foram criados os CIEPS, que seriam utilizados também para o lazer e a cultura da comunidade, é um exemplo claro disso.

Definido como um dos aparelhos ideológicos do Estado segundo Althusser (2003), em nossos dias a escola brasileira abraça um papel de assistencialismo do Governo Federal. Antes local de construção do conhecimento hoje a escola exerce outras funções, e percebemos que muitas vezes ela amarga o rótulo de local de desconstrução ou de construção de “outros conhecimentos” paralelos a sociedade.

Esta é a escola, e isto é o que a torna tão interessante como fonte de pesquisa. O fato de ser o ponto de encontro de gerações e de construção de cultura a desenha como um dos locais mais propícios a buscar entendermos as construções do homem através do tempo.

A educação é a base para construção do caráter do indivíduo e formação do comportamento no meio em que vivem. Neste sentido a escola possui o importante papel de ajudar o aluno a desenvolver, organizar e aplicar as informações do meio externo na sociedade.

Entre vários tipos de pesquisa, entendemos que a pesquisa do tipo etnográfica, desenvolvida para estudar a cultura e a sociedade onde o pesquisador observa e faz a descrição dos dados coletados, é a mais apropriada para estudarmos a escola, pois, faz com que o pesquisador descreva a cultura e de tudo que foi observado pelo mesmo. Na área da educação, os estudiosos tem foco no processo educativo, assim diferenciando o direcionamento das duas áreas (educação e etnografia), fazendo com que alguns requisitos da etnografia não sejam cumpridos.

Segundo André (1995 p. 29), outras características importantes na pesquisa etnográfica são a descrição e a indução. Para a indução o pesquisador faz uso de uma grande quantidade de dados descritivos: situações, pessoas, ambientes, depoimentos, diálogos, que são por ele reconstruídos em forma de palavras, vídeos ou transcrições literais.

Existem registros de que as pesquisas etnográficas nas escolas iniciaram-se no início dos anos 70, onde havia a pesquisa da sala de aula, observando a relação do professor e aluno durante estas. Segundo André (1995), a pesquisa etnográfica tem como objetivo observar o conteúdo de interesse do pesquisador e anotar o que for relevante para seu trabalho. No nosso caso em particular ela deu conta da proposta uma vez que procuramos no cotidiano da escola sinais de orientação, para desenvolver nosso trabalho.

O trabalho para ser considerado do tipo etnografia na educação, tem que utilizar-se de suas técnicas tradicionais que são: as pesquisas intensivas, onde o pesquisador possui uma intenção, um tema para o desenvolvimento da mesma e observação participante.

As técnicas da etnografia citados no parágrafo acima, tem uma grande relevância para o desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica, pois é através das observações feitas pelo pesquisador que se obtém a intenção com o estudo, fazendo-o se colocar naquele momento e as entrevistas acontecem para obter um

esclarecimento das questões elencadas com as observações.

Quanto as características das pesquisas etnográficas, estudos mostram que o observador é o instrumento da pesquisa, para coletar e analisar os dados. Outra característica marcante é que a importância é dada ao que está acontecendo no exato momento e isto deve ser registrado imparcialmente pelo pesquisador.

Após a coleta de dados, procede-se a tradução dos significados, a forma de agir, de julgar cada pessoa que está sendo observada e de cada participante da sua pesquisa. Esta tradução acontece a luz da cultura na qual o fenômeno pesquisado está inserido, não podemos cometer o erro de usar olhares indiferentes neste momento, pois, a imersão do pesquisador no contexto da pesquisa é vital para o seu sucesso.

E por fim, a descrição onde o pesquisador utiliza-se de dados descritivos como o ambiente, pessoas participantes, entrevistas e situações vivenciadas. O trabalho do pesquisador.

... busca, sim, é descrever a situação, compreende-la, relevar os seus múltiplos significados, deixando que o leitor decida se as interpretações podem ou não ser generalizáveis com base em sua sustentação teórica e sua plausibilidade.(ANDRÉ, 1995, p. 37).

3. O conceito de gênero

As três horas da madrugada de um dia frio do mês de julho, Pedrinho veio ao mundo. No quarto da maternidade um par de chuteiras e uma bola de futebol já o esperam. Na verdade esses objetos foram comprados logo após o primeiro exame que comprovou o sexo do bebê. Esta história fictícia não é uma divagação qualquer, ela é perfeitamente compreensível no contexto de nosso país, seja qual for à localidade em que Pedrinho tenha nascido. A questão a qual devemos nos atentar é que quando descobre o sexo do seu filho é comum aos pais começarem a construir a diferenciação dos gêneros. Quando o bebê é um menino o pai compra uma bola e quando menina a compra é de uma boneca. Isto acontece porque

a identificação do gênero é cultural e não biológica, por isso ela é construída.

Ao nascer o ser humano não possui características próprias, pois essas serão desenvolvidas a partir do crescimento e do papel a ele destinado na sociedade em que está inserido. Já a diferença biológica, o sexo, está estabelecida ao nascer. Nascemos do sexo masculino ou do sexo feminino.

O conceito de gênero explicita o ser mulher e o ser homem como uma construção histórico-social, tendo em vista o que é estabelecido em termos de papéis sociais para estes indivíduos, diferenciando-se, assim, do restrito conceito biológico de sexo, que tende a explicar as diferenças entre feminino e masculino como fruto da “natureza” (VIANNA apud HAERTEL e GONÇALVES JUNIOR, 2007, p.2).

Entende-se que gênero simboliza feminilidade e masculinidade, podendo ser vistos de forma individualizada ou conjunta, e relações de gênero são as relações entre homens e mulheres. A categoria sexo é utilizada para referenciar a identidade sexual.

As aulas práticas de Educação Física no Ensino Fundamental da escola observada ocorreram por divisão de sexos, sendo o conteúdo trabalhado iniciação desportiva, a prática dos desportos coletivos (handebol, voleibol, futebol e basquetebol) trabalha com habilidades motoras locomotoras (correr, saltar) e habilidades manipulativas (saque, voleio, arremesso).

Segundo os Parâmetros Curriculares neste ciclo devem ser trabalhadas as habilidades corporais, sendo esses desafios propostos, mais complexos, explorando o correr- quicar uma bola, saltar-arremessar, girar-saltar entre outros. E refere que meninos e meninas possuem diferentes modos de ser e atuar que devem se completar se enriquecer mutuamente, ao invés de entrar em conflitos pautados em estereótipos e pré-conceitos.

4. Arquitetura das práticas corporais

O locus principal da observação desta pesquisa foram as aulas de Educação Física

que acontecem por divisão de sexos e a partir da pesquisa de campo foi possível observar as relações de gêneros.

Algumas situações se repetiram no decorrer das observações em campo tornando-se uma rotina entre meninos e meninas chegarem ao colégio mais cedo. O principal motivo observado foi a prática de desportos. Assim quando o professor não estava utilizando todas as bolas em aula, os meninos as pediam emprestadas para jogar e normalmente um desporto ensinado naquele bimestre, como se fosse um aquecimento ou um reforço das aulas de Educação Física. Já as meninas ficam na maioria das vezes sentadas na arquibancada observando os meninos jogarem.

(DC 16/09/2009) Na aula do 8º e 9º anos feminino, o professor dividiu a turma em 6 estafetas, sendo que elas deveriam driblar a bola até o outro lado da quadra, voltar driblando e entregar a bola para a próxima da fila, perto da chegada driblavam com mais velocidade, colocando competição por conta. Algumas meninas dessa turma chegaram mais cedo e ficaram prestando atenção no que aconteceria no decorrer da aula.

(DC 16/09/2009) Ao chegar no colégio as 07:00hs observamos que já haviam meninos aguardando para a aula de Educação Física, sendo que as aulas dos meninos iniciam às 08:40hs e que ao iniciar a aula das meninas eles aguardavam o início das atividades para solicitar ao professor uma bola para que pudessem jogar até o horário de suas aulas.

Nas aulas de Educação Física Escolar, podemos visualizar de forma mais transparente a divisão dos sexos, percebendo que a prática dos desportos possibilita fortalecimento dos padrões e estereótipos de gênero. A ligação do futebol com a identidade de gênero masculino e do ballet com o feminino são exemplos claros dessa nossa afirmação.

A prática nas aulas de Educação Física é uma das possibilidades dos alunos perceberem as mudanças que ocorrem em seus corpos, as diferenças das valências físicas apontadas para os sexos, onde, em geral a menina é frágil e possui menor força e os meninos são mais rápidos e fortes. Afinal os Parâmetros Curriculares da Área apontam para a necessidade de “desenvolvimento de suas potencialidades”, e como fazê-lo se não constatá-lo?

Sendo assim, as aulas de Educação Física, divididas por sexo, possibilitam as meninas realizarem as mesmas atividades que os meninos, porém respeitando suas singularidades.

Observamos as cenas a seguir, registradas no diário de campo da pesquisa, que constataam nossa afirmação:

(DC 06/05/2009) Durante as aulas de voleibol, observei que os meninos apresentam mais força e coordenação motora mais desenvolvida. Eles demonstram com maior frequência o que sabem fazer melhor, sendo assim, quando sacam bem, não querem parar de sacar, o mesmo acontece nos outros desportos e são mais competitivos que as meninas. Já as meninas são mais calmas e organizadas.

(DC 17/06/2009) Com relação a movimentação, meninos e meninas apresentam muitas diferenças. Nas aulas de voleibol adaptado para pessoas com deficiência, a maioria das meninas, optaram por fazer aulas como cadeirantes, assim ficaram sentadas parte da aula, movimentado apenas os membros superiores. Já os meninos optaram por representar que estavam com um dos membros amputados (uma perna, um braço), sendo assim a aula dos meninos tornou-se mais intensa e dinâmica preservando o rally do voleibol.

(DC 19/08/2009) Nessa aula foi feita uma experiência colocando um menino para jogar com as meninas, e durante o jogo o menino se destacou devido habilidades motoras como força e velocidade.

Apoiados na fala de Bianca Haertel e Luiz Gonçalves Júnior (2007) podemos afirmar que a partir do 6º ano do Ensino Fundamental as meninas enfrentam uma nova fase de suas vidas, a pré- adolescência, tornando-se muito importante trabalhar com a iniciação desportiva, envolvendo assim o ser mulher e o esporte.

A diferença de resultados de meninos e meninas acontece devido à vivência diferenciada de cada um, isto é o que constrói a sua cultural corporal de movimento. No caso estudado percebemos que a comunidade escolar é muito rica em jogos e brincadeiras de rua e isto propicia um bom conhecimento e domínio do corpo, o que reflete nas aulas de iniciação desportiva.

Na fase exploratória da pesquisa, observamos que meninos e meninas apresentam diferenças na aprendizagem dos desportos, credenciamos isto a cultura corporal viven-

ciada, qualidades físicas e a competitividade construídas diferentemente entre os gêneros ao longo de suas vidas.

Apesar dos corpos masculinos e femininos se constituírem nas mais variadas instâncias escolares, parece que é na Educação Física que essa distinção é salientada repetidamente. Pois ainda hoje, a partir de uma hierarquia das aptidões físicas aceitas socialmente, considera-se as meninas “naturalmente” mais frágeis do que os meninos, justificando, assim, a necessidade de uma estrutura especial que proteja as meninas da “brutalidade” inerente dos meninos.(FRAGA apud LIMA e DINIS,2005, p.7).

Até aqui percebemos que meninos e meninas possuem objetivos e metas diferentes, são criados culturalmente de maneiras diferentes, por isso, as aulas por divisão de sexos possibilitam meninas e meninos progredirem dentro de suas diferenças. Logicamente existe aí um reforço na questão de construção de gêneros uma vez que, separados os sexos, predomina a construção cultural local de cada um.

Os próprios Parâmetros Curriculares da área definem que “... existe um estilo diferenciado entre meninos e meninas”. Portanto não podemos desconsiderar isto em nossas observações.

5. Discutindo as entrevistas

Foram feitas entrevistas com a Direção e Coordenadora da escola, Professores de Educação Física e os discentes do 6º ao 9º ano, sendo feito o TCLE(Termo de Compromisso Livre Esclarecido), onde descrevemos o objetivo da pesquisa e a situação problema do local, e ainda, o consentimento dos responsáveis pelos discentes.

Durante as entrevistas, observamos maior interesse da parte dos meninos em participar da enquete, pois, expandiam o diálogo e alguns pediam para serem entrevistados. As meninas se mostraram tímidas em opinar, mesmo garantindo o anonimato.

Perguntamos aos alunos se sentem melhor fazendo aulas entre meninos(as) ou somente entre meninas(os)? Porque?

Aluno X (6º ano) disse: Tanto faz quero manter minha forma física, mas acho legal quando

professor separa, assim ele pode dar atenção para as meninas e depois só para os meninos.

Aluno B (7º ano) disse: Não há diferença entre meninos e meninas. Dá para jogar todo mundo junto.

As aulas de Educação Física são muito esperadas por meninos e meninas e no Ensino Fundamental os alunos/alunas tornam-se ainda mais competitivos, sendo assim todos possuem o mesmo objetivo ganhar. Tornando as aulas de educação Física desgastante e monótonas para as meninas, se fosse o caso das aulas serem mistas, pois por mais que se esforcem jogando junto com os meninos dificilmente venceriam. Isto fica claro ao observarmos o diário de campo, como por exemplo:

(DC 19/08/2009) Nessa aula foi feita uma experiência colocando um menino para jogar com as meninas, e durante o jogo o menino se destacou devido habilidades motoras como força e velocidade.

Aluna C (7º ano) disse: prefiro as aulas somente entre meninas mesmo, pois os meninos nos atrapalham, assim quando estamos fazendo sozinha eles já atrapalham imagine junto, eles ficam correndo atrás da gente, jogando a bola forte, eles são mais fortes mais velozes e ainda tem aquela competição

Aluna T (6º ano) disse: prefiro que as aulas sejam somente entre meninas porque os meninos são mais brutos no modo deles jogarem, nos atrapalhando.

O diário de campo vem mais uma vez reforçar a entrevista:

(DC,19/08/2009) Na atividade de driblar a bola andando até a metade da quadra e correr driblando até a outra metade, as meninas fizeram a atividade toda quase que na mesma velocidade(difícil identificar quando estavam correndo, pareciam andar o tempo todo). Nessa mesma aula, colocamos um aluno, com característica bem definidas do gênero masculino, para jogar com elas e o menino acabou se destacando mais do que elas com mais força e velocidade.

Ao terminar a primeira aula deste dia, realizamos uma entrevista coletiva com um grupo de 15 meninas, apenas 01 disse que preferia aulas mistas. Comentários ditos pelas meninas: os meninos são fortes, rápidos e brutos, podem nos machucar...

(DC,19/08/2009)Na atividade de andar após correr driblando a bola, os meninos aumentam o ritmo dos dribles e correm com mais velocidade (é visível o ato de andar e correr).

Ao terminar a segunda aula deste dia, realizamos outra entrevista coletiva nesta, de 09 alunos, 05 preferem aulas divididas por gêneros e 02 preferem aulas mistas.

Ao entrevistarmos os professores:

Professor Y disse: Facilita muito o trabalho exatamente pela diferença de força, habilidade, o lastro que os meninos trazem de experiências anteriores é muito maior que os das meninas de uma cultura corporal do movimento, os meninos estão acostumados a correr, lançar, arremessar justamente por causa do futebol. Qualquer atividade que você faça com meninos e meninas a partir do 6º ano vai começar aparecer diferença de execução muito grande e essa diferença, ela desestimula muitas das vezes as meninas porque não conseguem alcançar os meninos e desestimulam também os meninos quando não conseguem evoluir uma vez que as meninas seguram. Eu acho a questão da divisão das turmas permite que cada um trabalhe com seu tempo com sua velocidade dentro das suas possibilidades e isso é a proposta da educação cada um tem o seu tempo, o tempo certo para o menino e o tempo certo para as meninas, todos eles vão trabalhar com a cultura corporal do movimento. Só que aí eles irão poder se dedicar e envolver mais, ter um melhor dia-a-dia nas aulas de educação física.

Professor Z disse: Eu não sou contra e nem a favor, tudo é questão do que se apresenta, há certas atividades que são muito mais produtivas fazer separados por divisão de gêneros outras atividades não. Quanto menor a turma em questão a idade como 5º e 6º série melhor para se trabalhar em aulas mistas. Quanto mais velha a turma mais difícil, pois eles ficam muito competitivos, por exemplo, vai jogar futebol (meninos e meninas) eles jogam uma ou duas vezes mais com o decorrer do tempo eles acham chato porque eles querem ganhar. O fato da força atrapalha e eu acho que deve ser feita a divisão de gênero de acor-

do com a atividade e de acordo com que se está trabalhando.

Percebemos então que meninos e meninas possuem características biológicas diferentes, e essas diferenças na escola aparecem durante as atividades propostas nas aulas de Educação Física. Sendo elas de habilidades motoras, onde os meninos acabam se destacando mais dentro das atividades propostas. Existe ainda um equívoco entre alguns professores quando confundem gênero com sexo tratando-os como sinônimos.

6. Gênero, habilidade e sociabilidade

Podemos observar que durante as entrevistas as meninas sentiram se incomodadas em fazer aulas de Educação Física com os meninos, pois relatam constantes brincadeiras de demonstração de força.

Observamos que há um caráter lúdico e que as provocações não passam de jogos de aproximação entre os sexos, entendemos então, que as ações dos meninos podem ser, segundo Cruz; Carvalho (2006), “agressiva lúdica”. De modo geral brincar e bater são características próprias dos gêneros, que em razão da intenção, podem aproximar ou não.

A utilização de demonstração de força, pode ser entendida também como tentativas de aproximação, e estas podem-se dar por meio de invasões de espaço. Percebemos isso quando provocado por meninos nas aulas de Educação Física das meninas ou vice versa.

DC(21/10/2009) Durante o aquecimento de corridas em volta da quadra por três minutos, duas meninas chegaram até nós para reclamar de três meninos que estavam brincando fora de quadra e chutavam a bola nelas quando elas passavam.

Aluna G (8º ano) disse: Prefiro fazer aula com as meninas, pois me sinto mais a vontade, os meninos tem brincadeiras chatas de empurra -empurra.

Aluna G (6º ano) disse: Prefiro as aulas só entre meninas porque os meninos são mais brutos e fazem mais bagunça do que a gente.

7. Considerações finais

Existe diferença entre os conceitos de gênero e sexo, onde o primeiro se refere a identidade, por isso mesmo é construído culturalmente em razão do contexto social no qual se está inserido. Enquanto que o segundo é de caráter biológico, e nato.

Com base no diário de campo e entrevistas foi possível compreendermos diferenças entre os gêneros, sendo estas estabelecidas pela sociedade e, principalmente, definidos pelo lugar investigado.

Percebemos claramente que a Educação Física Escolar proporciona em suas aulas, por divisão de sexos, a participação de todos. Levando-os a executarem as atividades propostas nos diferentes desportos oferecidos de maneira correta. Sendo assim, meninos e meninas desenvolveram a cultura corporal do movimento de forma igual, mas principalmente respeitando suas limitações e características.

Cabe, portanto, ao professor de Educação Física identificar qual o momento ideal para propor aulas mistas. Percebemos que no período pesquisado (do 6º ao 9º ano), com a proposta de trabalho apresentada (iniciação desportiva) onde habilidades motoras e valências física são predominantes, a divisão das turmas por sexo não constituem problema algum e facilita o trabalho do professor.

8. Referências

1. ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Etnografia da pratica escolar**: 10. ed., São Paulo: Papirus, 1995.
2. ALTHUSSER, Louis. **A parelhos ideológicos do estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos do estado. 9. ed., Rio de Janeiro: Graal, 2003.
3. HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral**: 8. ed., São Paulo: Ática, 2006.

4. **Parâmetros curriculares nacionais:** educação física/Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed., Brasília: A secretaria, 2001.
5. HAERTEL, Bianca; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **O gênero nas aulas de educação física:** uma experiência em escola de ensino médio da cidade de São Carlos. São Paulo: 2007. 14p. disponível em <<http://www.boletimef.com.br>> acesso em 28 abr. 2009.
6. LIMA, Francis Madlener; DINIS, Nilson Fernandes. **Corpo e gênero nas práticas escolares de educação física.** Paraná: 2005. 10p. disponível em <[HTTP://www.boletimef.com.br](http://www.boletimef.com.br)> acesso em 10 mai. 2009.
7. CRUZ, Tânia Mara; CARVALHO, Marília Pinto de. **Jogos de gênero:** o recreio numa escola de ensino fundamental. São Paulo: 2006. 31p. disponível em <[HTTP://www.boletimef.com.br](http://www.boletimef.com.br)> acesso em 21 mai. 2009.

Endereço para Correspondência:

Silvio Henrique Vilela
Silvio.vilela@unifoa.org.br

Rua B, nº. 130, Jardim Belvedere,
Volta Redonda – RJ.